

Saussure e o (des) encontro de duas gerações acadêmicas no Brasil



Cristina Altman
Universidade de São Paulo / altman@usp.br

Trabajo recibido el 22 de agosto de 2016 y aprobado el 6 de octubre de 2016.

Resumen

Saussure es considerado por los autores de los manuales de historia de la lingüística, tanto europeos como americanos, como el gran revolucionario del siglo XX y es nombrado por unanimidad por las generaciones que le sucedieron como el fundador de la disciplina lingüística 'moderna', en sentido estricto. Admitiendo que tal proceso ha sido constatado en otros círculos académicos, como en Brasil, la cuestión central de este trabajo es interrogar cómo Saussure fue percibido y reportado en la primera mitad del siglo XX por investigadores brasileños que estudiaron estos temas. ¿Cómo interpretó la comunidad académica brasileña en ese período la relación entre la filología y la lingüística general de inspiración saussureana? Nuestro material de observación son principalmente los comentarios, las noticias y, selectivamente, los artículos de investigación de las revistas brasileñas de filología y de lingüística publicados en los años anteriores y que siguieron a la traducción del *Curso de lingüística general* en portugués (1970).

Palabras clave

sincronía;
diacronía;
Serafim da Silva Neto;
Mattoso Câmara

Abstract

Saussure is considered by the authors of the linguistic history textbooks, both Europeans and Americans, as the great revolutionary of the twentieth century and he is unanimously appointed by the generations that succeeded him as the founder of "modern" linguistic discipline, strictly speaking. Admitting that a similar process has also happened in other academic circles, like the Brazilian one, the central question of this paper is to ask how Saussure was perceived and reported by the Brazilian researchers who have studied these issues in the first half of the twentieth century. How did the Brazilian academic community of that period interpret the relationship between philology and the Saussurean linguistic perspective? Our study material were mainly the reviews, the news, and, selectively, the research papers of the Brazilian philology and Brazilian linguistics journals published in the years before and immediately after the translation of the *Course in general linguistics* into Portuguese (1970).

Keywords

synchrony;
diachrony;
Serafim da Silva Neto;
Mattoso Câmara

Resumo

Saussure é considerado pelos autores dos manuais de história da linguística, tanto europeus quanto americanos, como o grande revolucionário do século XX e é apontado, em unanimidade, pelas gerações que o sucederam como o fundador da disciplina linguística 'moderna', *stricto sensu*. Admitindo que tal processo foi constatado em outros círculos acadêmicos, como no Brasil, a pergunta central deste trabalho é como Saussure foi reconhecido e divulgado pelos pesquisadores brasileiros que estudaram estes temas na primeira metade do século XX. Como a comunidade acadêmica brasileira desse período interpretou a relação entre a filologia e a linguística geral de inspiração saussuriana? Nosso material de observação são, principalmente, os comentários, as notícias e, seletivamente, os artigos de pesquisa das revistas brasileiras de Filologia e de Linguística publicados nos anos anteriores e posteriores à tradução do *Curso de linguística geral* em português (1970).

Palavras-chave

sincronia;
diacronia;
Serafim da Silva Neto;
Mattoso Câmara

1. Introdução

No prefácio à edição brasileira do *Curso de linguística geral*, de 1969, Isaac Nicolau Salum (1913-1993), em meio ao elenco das traduções anteriores do *Curso* e suas respectivas reedições, observa que a primeira versão portuguesa sai, naquele momento, "com apenas 56 anos de atraso"¹. O atraso a que se refere Salum, certamente, corre por conta do lapso de tempo decorrido entre as primeiras edições francesa (1916), japonesa (1928), alemã (1931), russa (1933), ou mesmo a espanhola (1945), e a portuguesa². O apenas, ressaltada a ironia no uso do termo, remete a uma outra dimensão: a versão em português do *Curso* chegava bem a tempo de inserir o Brasil no fluxo de renovação das ciências humanas que elegeram, nos anos sessenta, a disciplina Linguística como seu modelo e piloto, ao menos no universo acadêmico europeu (cf. Greimas 2006 [1956]). O texto de Salum resume o momento:

[...] a frequência das reedições e traduções do *Curso* nesta década de 60 que acaba de expirar mostra que já era tempo de fazer sair uma versão portuguesa dessa obra cujo interesse cresce com o extraordinário impulso que vêm tomando os estudos linguísticos entre nós e em todo o mundo. Já se tem dito, e com razão, que a Linguística é hoje a 'vedette' das ciências humanas. Acresce que o desenvolvimento dos currículos do nosso estudo médio nestes últimos anos impede que uma boa porcentagem de colegas e estudantes do curso superior possam ler Saussure em francês. Verdade é que restaria ainda a versão espanhola, que é excelente, pelo prólogo luminoso de Amado Alonso. Mas, agora, o interesse público em Saussure cresce, e uma edição portuguesa se faz necessária para atender à demanda das universidades brasileiras (Salum 1969, XIII).

Com efeito, a implantação de uma disciplina Linguística no Brasil, enquanto campo autônomo de ensino e pesquisa, ocorreu, não como o ponto de chegada de um grupo profissional que reivindicasse especificidade teórica, ou metodológica, em relação à Filologia Românica, ou à Filologia Portuguesa, mas como uma resolução federal: o ensino da disciplina Linguística em todas as Faculdades de Letras do país se tornou obrigatório em 1962. O projeto que nos anos sessenta reuniu o primeiro grupo de *scholars* brasileiros em torno da Linguística foi, pois, pedagógico, e não teórico (Altman 1994, 2004). Justamente por isso, houve condições favoráveis ao desenvolvimento de um mercado editorial universitário voltado para a disciplina Linguística, que investiu de bom grado, não apenas em traduções, mas também na elaboração de manuais 'locais'. Assim é que, além do *Curso*, foram publicados em versão

1. Aparentemente Salum utilizou a data da morte de Saussure, 1913, para estabelecer o 'atraso' da edição portuguesa em 1969 e não, como era de se esperar, a data da primeira edição do *Curso*, 1916. Textualmente: "A 1ª edição do *Cours* é de 1916, e é, como se sabe, obra póstuma, pois Saussure faleceu a 27 de fevereiro de 1913. A versão portuguesa sai com apenas 56 anos de atraso" (Salum 1969, XIII).

2. Atente-se apenas que tradução italiana, de Tullio de Mauro, também mencionada por Salum, é de 1967.

brasileira, praticamente em sequência, entre outros, os manuais de Sapir (1954 [1938])³, Barthes (1964), Jakobson (1969; 1972), Chomsky (1971; 1972), Greimas (1973), Hjelmslev (1975), Benveniste (1976), Lyons (1979); e dos linguistas brasileiros Mattoso Câmara (1967; 1969; 1970; 1975), Borba (1967), Scliar-Cabral (1973) e Lopes (1976). Seria por intermédio dessa segunda leva de saussurianos que o *Curso* assumiria, também no Brasil, sua dimensão 'revolucionária', que teve na proposição de uma abordagem sincrônica e autônoma da língua um dos seus eixos principais. Observe-se, por exemplo, o comentário de Theodoro Henrique Maurer (1906-1979), mentor e colega de Salum no Departamento de Filologia Românica, na Universidade de São Paulo, ao final dos anos sessenta:

É certo que houve um erro lamentável nos linguistas do século passado quando pretendiam que a Ciência da Linguagem é essencialmente histórica. Mas parece-me que agora caímos no erro oposto, ao pretender que a Linguística Sincrônica é a única verdadeiramente científica (Maurer 1967, 28).

Assim, as perguntas em torno das quais se desenvolve o presente texto giram em torno da discussão sobre a autonomia da abordagem sincrônica em relação à diacrônica e das diferentes posições que duas gerações de *scholars* brasileiros assumiram face à questão. A primeira é aquela que desemboca nos anos cinquenta sob a liderança intelectual de Serafim da Silva Neto (1917-1960), institucionalizada e reconhecida como o programa de investigação da Filologia Portuguesa e Românica; a segunda, a que, a partir dos anos sessenta, elegeu Joaquim Mattoso Câmara (1904-1970) como seu fundador e mentor, institucionalizada e reconhecida como o programa de investigação da disciplina Linguística. Para a reconstrução desse momento controverso da pesquisa linguística no Brasil, utilizamos como material central de observação as resenhas críticas, os noticiários, os prefácios e posfácios às publicações monográficas e periódicas do período, alguns manuais e, principalmente, os artigos de pesquisa de dois dos periódicos brasileiros publicados nos anos que circundaram a tradução do *Curso* para o português: a *Revista Brasileira de Filologia* (Rio de Janeiro, 1955-1961, 11 números, não corrente) e a *Revista Brasileira de Linguística*, notadamente na sua primeira fase (Rio de Janeiro, 1974-1978, 1a. fase, 9 números; 1982; 1984, 2a. fase, 2 números).

2. A primeira leitura de Said Ali (1919)

A primeira referência explícita a Saussure no conjunto da produção linguística brasileira é atribuída a Manuel Said Ali (1861-1953), no prefácio da 2a. edição das suas *Difficultades da lingua portuguesa* (Said Ali 1919). Neste texto, Said Ali observa:

Levei sempre em conta, nas diversas questões de que me ocupei, o elemento psicológico como fator importantíssimo das alterações de linguagem e, inquirindo a persistência ou instabilidade dos fatos linguísticos, tomei para campo de pesquisas não somente o português do período literário que se estende de João de Barros a Manoel Bernardes, mas ainda o falar hodierno e, por outra parte, o menos estudado falar medieval. Pude assim colher resultados que dão regular ideia da evolução do idioma português desde a sua existência até o momento presente, de onde se vê a razão de certas dicções duplas, coexistentes ora e ora sucessivas, fontes, muitas vezes, de renhidas e fúteis controvérsias. Nesses fatos encontraria F. de Saussure, creio eu, matéria bastante com que reforçar as suas luminosas apreciações sobre linguística sincrônica e linguística diacrônica (Said Ali 1919, VI; grifos meus, a ortografia foi atualizada).

3. A tradução de Sapir, a primeira dentre os autores considerados 'linguistas' por essa geração, antecede esse momento, mas o prenuncia. Feita por Mattoso Câmara em 1938, só encontrou editor em 1954 (cf. Sapir 1954 [1938]) e foi resenhada, no ano seguinte, por Serafim da Silva Neto em RBF 1.1: 79-81; observe-se a aproximação que Silva Neto fez entre Sapir e Saussure: "O livro [de Sapir] faz parte da Biblioteca Científica Brasileira, Série B, 4. Embora a tradução portuguesa já estivesse pronta desde muitos anos, as delongas editoriais acarretaram-lhe sair à lume depois das versões francesa e espanhola. Contudo é-nos agradável verificar a superioridade da nossa, que, além de mais fiel e precisa, ainda traz um prefácio do tradutor, onde se focalize a importante figura de Sapir, cujo papel, nos Estados Unidos, pode comparar-se ao de Saussure, na Europa" (Silva Neto 1955, 79).

Nada mais, nada além. Por alguma razão, as proposições saussurianas de uma linguística sincrônica ao lado de uma linguística diacrônica teriam chegado a Said Ali já em 1919. Autodidata ou, nos dizeres de Silva Neto, sem cursos especializados, ou mestres que o tivessem orientado, Said Ali fora um estudioso constante da então moderna linguística —leia-se histórico-comparativa— além de conhecedor de francês, inglês e alemão, de que foi professor na Escola Militar e no renomado Colégio Pedro II, ambos no Rio de Janeiro. Tais interesses, ao lado de outros talentos, certamente lhe facilitaram o acesso em primeira mão à vasta literatura linguística, não portuguesa, entre outros, Diez, Brugmann, Delbruck, Gabelentz, Paul, Marty, Meyer-Lubke, Sievers, Bréal e Whitney (cf. Danna 2014)⁴. O que Said Ali parecia perceber com clareza, à diferença de seus antecessores, e talvez também de seus contemporâneos, era a defasagem entre um ‘estado de língua’, representado, nos seus termos, pelo ‘sentimento geral do vulgo’ e a sua evolução no eixo da história, captável apenas pelo estudioso linguista. Veja-se seu exemplo sobre derivação, abaixo:

Outras vezes tem havido tal evolução de forma e sentido, que surge um curioso conflito entre o sentimento geral do vulgo e o facto encarado á luz da pesquisa científica. Para o comum dos homens que falam português, a palavra esquecer se apresenta como um verbo primitivo, do qual se tiram esquecimento, esquecedor, esquecediço; para o linguista, é alteração de escaecer e palavra derivada, em ultima análise, de caer, forma antiga de cahir. [...] Ha entretanto exagero neste método de análise erudita. O sentimento de linguagem é fator essencial, sem o qual as formas e criação de palavras perderiam sua significação. [...] De maneira que a fórmula mais razoável para explicar esquecer, receber, vingar, julgar, resistir, etc., seria declarar que são antigos verbos derivados que passaram a funcionar como verbos primitivos (Said Ali 1931, II, 3-4; grifos meus, a ortografia foi atualizada).

Para Said Ali, pois, é a sincronia dos dados linguísticos na consciência do falante, ou o seu ‘sentimento’ sobre a forma linguística, que deve preceder à explicação histórica do erudito. Nada mais saussuriano. É como podemos interpretar hoje sua menção a Saussure, e é como o leram alguns filólogos brasileiros da geração seguinte (v., por exemplo, Silva Neto 1955b; Bechara 1962, 2015; Mattoso Câmara 2004 [1961]; Elia 1976). A referência de Said Ali a Saussure é, entretanto, isolada. No seu exame dos trabalhos produzidos sobre o português do Brasil, no período 1920-1945, Pinto (1981) observou que a bibliografia estrangeira referente aos campos da Dialetologia e da Linguística, embora objeto de citações “*nem sempre pertinentes*”, passou despercebida da maioria dos autores do período. Qualificou, mesmo, de “*muito lento o processo de esgotamento de velhas concepções, como o evolucionismo histórico-comparativo, de Schlegel, Bopp e outros*”. Mais adiante, acrescentou a autora, que, além da visão cultural de Sapir não ser bem conhecida, abordagens racionalistas como as de Saussure, ou funcionalistas como as de Jespersen ou Bally “*estavam também, talvez com exceção apenas de Mattoso Câmara Jr e Serafim da Silva Neto, fora do campo de reflexão dos ensaístas brasileiros*” (cf. Pinto 1981, XXXIX-XL)⁵. Com efeito, se a menção a Saussure passou despercebida dos contemporâneos de Said Ali⁶, o mesmo não aconteceu com os líderes intelectuais da geração imediatamente seguinte, Silva Neto e Joaquim Mattoso Câmara.

3. A leitura diassincrônica de Silva Neto (1950)

Filólogo refinado, romanista brilhante segundo seus contemporâneos e, inegavelmente, professor e pesquisador de renome dentro e fora do Brasil, Silva

4. Danna (2014, 82-86) enumera em detalhes as 49 referências explícitas que Said Ali fez, na sua *Difficultades da lingua portuguesa*, a autores não portugueses, na sua grande maioria, do século XIX. Os autores mencionados maior número de vezes foram Diez, Brugmann e Bréal.

5. Para elenco de obras estrangeiras do campo, publicadas no período, consulte-se Pinto 1981, XLI.

6. Em adendo, observe-se o comentário do próprio Silva Neto (1955b, 111): “E dizer-se que ainda hoje, quando o livro do genial linguista genebrino [i. e. Saussure] alcançou quatro edições, uma tradução alemã e outra espanhola, ainda é letra morta (ou pior, incompreendido) para a maioria dos nossos sábios”.

Neto foi, nos termos de Murray (1993), o líder organizacional e intelectual (cf. Coelho 1998) da geração que se veria suplantada pelos 'sincronistas' pouco tempo depois. Entre as iniciativas para estabelecer no país o que denominou 'mentalidade dialetológica' estão a criação de um *Centro de Estudos Dialetológicos* no Museu Nacional, no Rio de Janeiro, em 1953, e a fundação da *Revista Brasileira de Filologia* (RBF), que dirigiu até sua morte prematura, em 1960. Ao lado de vasta produção periódica, mas de periodicidade curta e irregular (Altman 2014)⁷, a RBF emergiu no contexto acadêmico brasileiro como um periódico de ambição nacional, destinado a contribuir para a alteração dos modos de produção e circulação das ciências da linguagem no Brasil. Observe-se o prólogo de Silva Neto no número inaugural:

Há pouco anos o inolvidável romanista suíço Jacob Jud reconhecia esta verdade: que o progresso da Filologia Românica se realiza hoje principalmente por meio de revistas. De fato, as publicações periódicas vão indicando os novos rumos das pesquisas, debatendo os problemas, renovando os métodos, expondo as discussões teóricas e fazendo a crítica dos livros da especialidade (Silva Neto 1955a, l).

Essa busca de renovação, através da publicação de artigos de autores reconhecidamente participantes da comunidade academicamente relevante do período, somada à preocupação de divulgar, através de resenhas críticas, notas bibliográficas e noticiários, as principais tendências do mundo acadêmico europeu e norte-americano, tornaram a RBF uma boa amostra do que essa geração considerou relevante em matéria de ciência da linguagem. Aí publicaram muitos dos discípulos e admiradores de Said Ali como, além do próprio Silva Neto, Ismael de Lima Coutinho (1900-1965), Antenor Nascentes (1886-1972), Francisco da Silveira Bueno (1898-1989), Celso Ferreira da Cunha (1917-1989), Israel Salvator Révah (1917-1973), Segismundo Spina (1921-2012), Celso Pedro Luft (1921-1995), Eugenio Coseriu (1921-2002), Maurer Jr., Antonio Geraldo da Cunha, (1924-1999), Othon Garcia (1912-2002), Evanildo Bechara (1928-), entre vários outros. Silvio Elia (1913-1998) e Mattoso Câmara também se somavam a este elenco, não como articulistas⁸, mas como revisores das publicações especializadas e dos noticiários sobre os principais acontecimentos científicos europeus e norte-americanos. No seu conjunto, a RBF refletia, pois, o estado da arte em matéria de história gramatical, variação dialetal e estilística em prosa e verso do português, tal como compreendida por essa geração, em especial, pelo seu líder e principal inspirador, Silva Neto. Observe-se, no quadro abaixo, o tratamento preferencial conferido aos dados linguísticos pelos articulistas da RBF quanto ao tipo de orientação predominante:

Tipo	Português	Indígenas	Outras	Número de artigos
Gramatical (descr.)	0	0	0	0
Uso/variação	10	0	1	11
Histórica	19	0	0	19
(Meta)teórica	7	0	0	7
Aplicada	0	0	0	0
Literária	19	0	0	19
(s/ dados de língua)	9	0	0	9
Totais	64	0	1	65

Tabla 1: Levantamento do número de artigos da RBF (1955-1961) que apresentaram dados de língua natural, quanto ao tipo de orientação predominante (Altman 2014).

7. Circularam no período 1940-1960, sob a designação de Filologia, além da RBF: o *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo*. São Paulo; o *Boletim de Filologia*. Rio de Janeiro: Dois Mundos (1946-1949, 10 números), dirigido por Serafim da Silva Neto, Antenor Nascentes, Joaquim Mattoso Câmara Jr. e Silvio Elia; *Iberida: Revista de Filologia*. Rio de Janeiro: Livraria São José. [o subtítulo varia: *Revista de Filologia ibero-americana*] 1959-1961, 6 números), dirigida por Celso Cunha, Antonio Houaiss e Israel Salvator Révah; o *Jornal de Filologia*. São Paulo: Saraiva (1953-1961, 13 números), dirigido por Francisco da Silveira Bueno; *Língua e Linguagem*, publicada pela Academia Brasileira de Filologia. Rio de Janeiro: A Academia (1947-?); *Revista Filológica*, publicada pela Academia Brasileira de Filologia. Nova Fase. Rio de Janeiro [s.n.] (1955-1956 [- ?], 5 números), dirigida por Ruy Almeida, Candido Jucá e, como redator-chefe, Serafim da Silva Neto (Altman 2014).

8. Salvo, no caso de Mattoso Câmara, dois artigos. Um, sobre o "Futuro romance" (RBF 3:2: 221-225) e o segundo, sobre o "O coloquialismo em Machado de Assis" (RBF 6.1: 33-42).

O primeiro número que chama a atenção neste quadro é a praticamente totalidade de artigos dedicados ao estudo do português (à exceção de um apenas, sobre “Las denominaciones rumanas de maíz,” em RBF 5.1/2, 119-127). Esse resultado sugere, também entre os filólogos brasileiros dessa geração, certo narcisismo românico que se revela pela preferência de estudo da própria língua, já observado, aliás, por Swiggers (1989) em relação aos romanistas de maneira geral. Narcisismo reiterado pela ausência de interesse nesse circuito, aparentemente quase absoluto, por outras línguas eventualmente faladas no país, sejam indígenas, africanas, ou mesmo outras línguas europeias minoritárias. A orientação de estudo predominante no período, se admitirmos a centralidade da RBF, foi, sem dúvida, para o estudo da história do português, na modalidade literária, e pelo levantamento de vocábulos das variedades dialetais, sócio-profissionais, da fala popular do Brasil.

3.1. Gramática histórica e gramática expositiva

O segundo número que chama a atenção no conjunto de artigos da RBF é a ausência absoluta de artigos com ‘orientação gramatical,’ expressão que aqui utilizo como metatermo para caracterizar os artigos de pesquisa que versaram sobre dados sincrônicos da fonologia, morfologia e sintaxe de uma língua natural, sem finalidade normativa, ou aplicada.

É preciso certa atenção, aqui, para a diferença de valores entre os termos ‘gramática’, ou ‘gramatical,’ tal como o empregamos na descrição dos artigos, e a ocorrência desses mesmos termos na literatura que nos serve de objeto. No contexto intelectual em que circulava a RBF, o termo ‘gramática’ era extremamente ambíguo e revestido, frequentemente, de valor pedagógico, normativo, prescritivo.

Com efeito, a literatura periódica que corria paralela aos manuais gramaticais que circulavam pelos ginásios cariocas desde o século XIX testemunha a coexistência de pelo menos duas práticas de análise e descrição gramaticais, frequentemente propostas (e percebidas) como incompatíveis, principalmente a partir da criação de publicações de natureza acadêmica, como a RBF e os vários boletins de filologia dos anos 1950-1960. Uma delas é justamente a prescritiva, de retórica abertamente purista, que se insurge contra galicismos, hispanismos, ou outros ‘ismos’ que ameaçavam a língua, e que escapava aqui e ali nas entrelinhas das gramáticas brasileiras de ‘orientação científica,’ mas florescia abertamente nos debates travados nos periódicos especializados do início do século XX (v. Pinto 1978 e 1981; Christino 2001). Muitos filólogos (e autodidatas) do período 1920-1945, ao lado de um sem-número de outros profissionais, se interessaram e versaram sobre questões gramaticais e, não raro, as publicaram em jornais, revistas e semanários. Vários dos manuais gramaticais publicados neste período resultaram, aliás, da compilação desses artigos, ou das respostas com que filólogos e gramáticos alimentaram os ‘consultórios gramaticais’.

Outra prática de análise gramatical nesse contexto é a que se apresentava respaldada pelos fundamentos da ‘moderna’ e ‘elevada’ Glotologia, i.e., a dos estudos históricos, ou comparativos, isenta de opiniões e respaldada por documentos e fatos. O filólogo carioca Lima Coutinho, articulista da RBF, é um bom exemplo. No primeiro número da RBF, de 1955, Coutinho publicou em seção nobre da revista uma autojustificativa sobre seus *Pontos*

de *Gramática Histórica*, em resposta à crítica que lhe fizera Silveira Bueno, da Universidade de São Paulo (v. Coutinho 1955 e Bueno 1954), por ocasião do lançamento da 3ª edição da sua gramática⁹. Definindo *Glottologia* como a “ciência que estuda a origem e o desenvolvimento da linguagem”, Coutinho a subdividiu em duas outras disciplinas: a Gramática Histórica, parte que considerou central, e a Gramática Expositiva, ou Descritiva, ou Prática (todos os termos são de Coutinho 1958, 13ss). A Gramática Histórica, definida como a *ciência que estuda os fatos de uma língua no seu desenvolvimento sucessivo, desde a origem até a época atual* (o grifo é meu), se subdividia, por sua vez, em Lexiologia —que compreendia a Fonologia, estudo do material sonoro e a Morfologia, estudo da forma— e a Sintaxe. A Glottologia, juntamente com a Métrica e a História da Literatura, comporiam, por sua vez, o vasto campo da Filologia. Acrescente-se ainda que, para Coutinho, “a [abordagem] histórica e a comparativa são as fases mais modernas da ciência da linguagem” (Coutinho 1958, 17).

Pouco mais, pouco menos, essa é a visão prototípica daqueles dedicados à prática das ciências da linguagem nessa tradição de pesquisa representada pela RBF: a descrição gramatical, a gramática expositiva, ou simplesmente, a gramática, neste contexto, é um ramo ‘menor’ da Glottologia, aquele de orientação pedagógica, aplicada ao ensino colegial sob forma de manual escolar e que assume, não raro, uma dimensão normativa. Nada que se compare à gramática histórica, parte central da nobre ciência da linguagem, objeto de estudo acadêmico e universitário, que é a Filologia. No contexto dos anos cinquenta, a gramática ‘estática’, enquanto exposição de dados sincrônicos, é percebida como um falseamento didático da verdadeira natureza de uma língua natural que, por definição, é evolução e mudança. É o conceito de língua como um organismo vivo, em perene transformação, que funda a metodologia da análise histórica da língua, a única verdadeiramente científica. Em outros termos, uma gramática expositiva é um constructo que não capta a língua em transformação.

Não por acaso, pois, a RBF, voltada para a produção e divulgação do conhecimento científico em matéria de linguagem, não registrou nenhum artigo de orientação gramatical, descritiva e sincrônica, ao longo dos seus onze números¹⁰. Levará mais um tempo para que a abordagem sincrônica no tratamento dos dados de língua, de herança saussuriana e estruturalista, se desvincule desse caráter prático, prescritivo, e passe a ser percebida pelos *scholars* brasileiros como legítimo objeto de estudo científico, ao lado da abordagem diacrônica (cf. Mattoso Câmara 1970, 15). Mas, para isso, será preciso, como vimos, que a disciplina Linguística se instale no contexto acadêmico brasileiro como disciplina autônoma e distinta da Filologia.

3.2. “Nas atividades filológicas, há Marta e há Maria”

Na introdução do seu *Manual de filologia* de 1952, Silva Neto reconhece que, no século XIX, teria havido o que considerou “exagerada preponderância dos estudos históricos, a qual chegou a ficar corporificada na célebre frase de Hermann Paul: não há outro estudo científico da língua senão o histórico”. Graças, entretanto, à Saussure, a Jules Gilliéron (1854-1926), a Hugo Schuchardt (1842-1927), continua Silva Neto, “entraram em voga os estudos sincrônicos, isto é, sem preocupação histórica, minuciosas e rigorosas descrições dos estados da língua”. Nas sua avaliação final, “são igualmente perniciosos os extremos. Não deve haver predomínio de Marta, nem de Maria” (Silva Neto 1952, XI).

9. As duas primeiras edições, de 1938 e 1941 foram publicadas em São Paulo pela editora Nacional; a 3ª., de 1954; a 4ª., de 1958; a 5ª., de 1962 e a 6ª., de 1967, no Rio de Janeiro, pela editora Acadêmica; a 7ª., de 1976, e subsequentes, pela editora Ao Livro Técnico, Rio de Janeiro. Grande sucesso editorial, portanto.

10. Política editorial extensiva a outros periódicos contemporâneos à RBF. Silveira Bueno, por exemplo, no editorial do *Jornal de Filologia* (São Paulo: Saraiva, 1953-1961, não corrente) que dirigiu, adverte desde o início que: “As questões meramente gramaticais, de nível expositivo, só serão publicadas quando trouxerem qualquer contribuição nova e original” (Bueno 1953, 2).

Nada mais natural, portanto, que, na seleção dos artigos da RBF, Silva Neto colocasse lado a lado análises das fases evolutivas da língua portuguesa e levantamentos de vocabulários regionais do português do Brasil. De fato, criada para servir de laboratório das novas ideias e da renovação de métodos na pesquisa filológica, ao mesmo tempo em que cumpria o programa da Filologia *lato sensu*, que consistia, como se viu, em Glotologia (19 artigos foram dedicados ao estudo histórico do português), em Métrica e História da Literatura (19 artigos trataram de questões literárias), a RBF também incluiu o tema da Geografia Linguística como referencial autorizado em matéria de estudos linguísticos (cf. RBF 1.1, 82 ss.). Assim, ao lado de estudos sobre fonética histórica, etimologia e poesia camoniana, por exemplo, a RBF publicou artigos sobre a terminologia de brinquedos brasileiros, da pesca, da vinha, da cana de açúcar, em suma, de dados da fala do presente que enriqueceriam a história e o conhecimento do português que aqui se desenvolveu.

A eventual oposição que pode sugerir a concomitância do estudo histórico da língua e do interesse pelos falares brasileiros do presente é, neste contexto, apenas aparente. Na leitura que Silva Neto fez das oposições saussurianas, como as entre sincronia e diacronia, ou entre *langue* e *parole*¹¹, as precedências estão invertidas em relação às proposições do *Curso*: para Silva Neto, a abordagem sincrônica é que deve ficar a serviço da diacrônica e é o estudo da *parole* que deve preceder o da *langue*, não o contrário. Apoiando-se na autoridade que reconhecia em Schuchardt, em Walther von Wartburg (1888-1071), nos *Travaux* de Praga e em Gilliéron, Silva Neto, embora claramente consciente da diferença entre as duas abordagens, defendia a interdependência entre sincronia e diacronia. Nas suas palavras:

Se [Saussure] concede primado ao estudo sincrônico é porque ele constitui precisamente um elo da cadeia diacrônica. O primado não pertence a um estado de língua como tal (o que seria mutilar o processo histórico) mas ao fragmento indispensável à elaboração da história linguística (Silva Neto 1960, 28; grifos meus).

Correspondentemente, se o que há de diacrônico na *langue* o é por intermédio da *parole*, no estudo de qualquer inovação linguística, há que se distinguir o momento em que ela surgiu entre os falantes e o momento em que ela se tornou um fato de *langue*. Na apreciação que Silva Neto fez de Saussure, este “*não andou bem ao dar a primazia à langue sobre a parole, visto que esta, participando ao mesmo tempo da diacronia e da sincronia, contém, em essência, o germe de todas as transformações futuras*” (Silva Neto 1960, 32).

Para Silva Neto, pois, a *langue* não é um objeto autônomo: ela será sempre o resíduo, o depósito ilusoriamente estático da *parole*. Não sendo autônomo o objeto, também não o será a disciplina encarregada de estudá-lo, a Linguística. O estudo imanente, autônomo da *langue* é insustentável, assim como a reivindicação de uma disciplina Linguística autônoma, desvinculada da Filologia é despropositada. Nos seus termos:

De uns anos a esta parte, certos linguistas se encastelam na preocupação de criar uma ciência pura e exclusivamente linguística, independente da Sociologia, da Psicologia, da História e da Etnografia. Imaginam, com isso, num orgulho compreensível, dar um passo à frente dos antecessores [...] Contudo, ressalvada a grande admiração que nos merecem linguistas do porte de um Hjelmslev, tal atitude, ao contrário do que se pretende, significa um empobrecimento: a unidade é o homem (Silva Neto 1960, 21).

11. Silva Neto, aliás, fez questão de assinalar que as oposições língua x fala e sincronia x diacronia já tinham sido anteriormente assinaladas pelos neogramáticos, notadamente por Hermann Paul (cf. Silva Neto 1960, 26 e 28).

A história da língua — e a sua ciência — deve correr paralela à história política e social do homem que a fala: não há lugar, na reflexão de Silva Neto, para uma ciência da linguagem autônoma que tenha na *langue* o seu objeto. Nada mais natural, pois, para ele — e para os articulistas da revista que criou e dirigiu — que o levantamento de dados da fala dialetal, oral, e periférica do português do Brasil ocupasse um lugar apenas acessório ao lado de estudos sobre estilo e métrica dos grandes escritores. Os dados coletados nos estudos de campo seriam alçados, no momento oportuno, à posição de adjuvantes do estudo histórico da língua, este sim, o verdadeiro paradigma da ciência da linguagem.

Além dos artigos sobre autores brasileiros e portugueses, sobre recursos expressivos da linguagem, e sobre os falares populares, a RBF publicou regularmente notícias sobre os eventos significativos da Linguística internacional e, principalmente, resenhas sobre publicações recentes, nas seções designadas por “Recensões Críticas”, e “Notas Bibliográficas”: é principalmente nessas seções, em meio à numerosa bibliografia sobre filologia clássica, portuguesa e românica, que se encontram as resenhas de Mattoso Câmara, principalmente, mas também de Silvio Elia e do próprio Silva Neto, sobre a geração de estruturalistas europeus e norte-americanos que interpretou Saussure e o difundiu, também no Brasil.

4. A preeminência sincrônica

4.1. A gramática da *langue* de Mattoso Câmara (1950-1960)

Coseriu (1976), ao apontar a década de quarenta como a da introdução do estruturalismo europeu da escola de Praga na América Latina e os anos cinquenta como os do início da sua efetiva difusão, certamente levou em conta os *Princípios* (1942) e a *Fonêmica* (1949, 1953) de Mattoso Câmara. Com efeito, o primeiro curso de Linguística Geral do país, ministrado por Mattoso Câmara em 1938-1939 na Universidade do Distrito Federal, Rio de Janeiro, embora efêmero, marcou, ao mesmo tempo, nas décadas seguintes, o que a literatura crítica considerou o início do processo de institucionalização da Linguística no Brasil e o início de uma nova orientação para os estudos linguísticos efetuados até então. Divulgadas inicialmente pela *Revista de Cultura*¹², essas primeiras lições de linguística de Mattoso constituíram, poucos anos depois, em 1942, os *Princípios de linguística geral*¹³, que fizeram do autor o grande divulgador e propagador das teorias, ainda nas palavras de Pinto (1981, XL) “*dos mais notáveis linguistas europeus e norte-americanos*”. De fato, Mattoso é consensualmente apontado como pioneiro dos estudos propriamente linguísticos no Brasil, seu primeiro divulgador e o primeiro professor de Linguística de uma Universidade brasileira.

Recuperar a visão de Mattoso sobre a história do conhecimento que considerou ‘genuinamente’ científico nos ajuda a compreender, ao menos em parte, porque os primeiros *scholars* que se formaram na disciplina Linguística no Brasil adotaram uma retórica de ruptura explícita com a geração anterior (Altman 2004). Na concepção de Mattoso, “[a] linguística é uma ciência muito nova [que] começou a existir na Europa em princípios do século XIX sob o aspecto de um estudo histórico” (Mattoso Câmara 1975 [1962], 13). Distinta não apenas da Filologia, que definiu como o estudo dos textos antigos que visa à compreensão dos traços linguísticos obsoletos, a fim de captar a mensagem artística que encerram, mas

12. Os artigos são: “Lições de linguística geral”, *Revista de Cultura* 25: 99-104; 183-89; 216-22; 279-84; 26: 43-47; 81-86; 177-85; 27: 21-27; 83-88; 141-46; 202-8; 28: 11-17 (Rio de Janeiro, 1939-1940) (Naro e Reighard 1976, 141).

13. O livro é *Princípios de linguística geral como fundamento para estudos superiores da língua portuguesa* (Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1941; reimpr. ‘como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa’, 1942; 2a. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1954; 3a. ed., 1958; 4a. ed., 1967; 5a. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976; 6a. ed. 1980; 7a. ed., 1989).

distinta também da investigação dos aspectos biológicos relacionados à faculdade da linguagem, e da tradição filosófica grega, abordagens que denominou 'biológica' e 'lógica', respectivamente. A Filologia, ao lado da tradição gramatical normativa e do estudo motivado pelas situações de contato linguístico constituíam para Mattoso Câmara o campo dos estudos pré-linguísticos, "isto é, algo que ainda não é linguística" (*id.*). O estudo lógico (filosófico) e o estudo biológico, por sua vez, por não fazerem parte do que considerava o domínio da linguagem propriamente dito, constituíam um domínio a ele limítrofe, na sua denominação, paralinguístico. Na retrospectiva do pensamento linguístico a que se propôs Mattoso Câmara, antes do século XIX só é possível encontrar, na tradição ocidental, estudos do tipo que denominou pré-linguísticos e paralinguísticos e, na tradição oriental, mesmo entre os que considerou os "países mais adiantados de então, ou seja, a China e a Índia antiga não houve qualquer tipo de linguística (*sic*)" (Mattoso Câmara 1975 [1962], 13)¹⁴. Como a pré-linguística e a paralinguística não se interromperam, segundo Mattoso Câmara, com o advento da Linguística, excluir essas abordagens do então novo campo de estudos que acabava de se inaugurar em nosso contexto acadêmico era uma consequência inevitável. Ser linguista no Brasil significava, nos anos sessenta, filiar-se a uma tradição ocidental, iniciada na Europa do século XIX, excluir-se da tradição normativa, excluir-se também da investigação da linguagem como fenômeno biológico, do pensamento filosófico grego e, principalmente, diferenciar-se da Filologia, até então dominante nos círculos universitários brasileiros (Altman 2004, Coelho 1998, França 1998).

14. Termos, aliás, emprestados da Antropolinguística norte-americana conforme se lê na crônica do próprio Mattoso Câmara sobre "A Conferência de Indiana entre antropólogos e linguistas", de 1953 (v. Mattoso Câmara 1955, 189).

Contemporâneo de Silva Neto mas, diferentemente dele, Mattoso Câmara se colocou desde sempre a favor da autonomia entre as abordagens sincrônica e diacrônica, ambas igualmente científicas, ainda que não confundíveis. Desde a primeira edição dos *Princípios*, Mattoso afirmava:

Cumprir deprender, não obstante, a necessidade paralela de estudar, por si mesmos, esses estados linguísticos, isto é, o sistema da língua tal como se nos apresenta em cada momento da sua história, sob uma fixidez aparente, e ao qual já se comparou um tabuleiro de xadrez [...]: a correlação sincrônica das pedras, produzida embora pelas fases anteriores do jogo e em via de modificação, vale, não obstante, por si e oferece-se ao estudo isoladamente (Mattoso Câmara 1942, 20).

Assim, no estudo da estrutura dos vocábulos, ou das formas da conjugação dos verbos do português, por exemplo, Mattoso propôs que se levasse em conta o que denominou fatos atuais da língua: dizer que o verbo *comer* não tem raiz, porque advém do latim *comedere*, composto de *com*-prefixo, de uma raiz *ed-*, e da terminação *ere-* é, segundo ele, baralhar o problema, "porque, em linguística estática, a raiz de *comer* é *com-*" (Mattoso Câmara 1942, 21). Mattoso reconhecia, evidentemente, que a língua, exposta aos acidentes do uso em *discurso* — termo que Mattoso utiliza no lugar de *parole* — estava, de fato, em contínua evolução. Do ponto de vista coletivo, entretanto, o sentimento dos falantes é de fixidez o que, nos seus termos, embora seja naturalmente ilusório, é socialmente real. Cabe à Linguística "estudar a fixidez aparente e a evolução incessante, dividindo-se em estática e dinâmica, ou, melhor, segundo as denominações de Saussure, em Linguística Sincrônica e Linguística Diacrônica" (Mattoso Câmara 1942, 18). As transgressões e alterações que ocorrem em discurso, quando colidem com as zonas sentidas pela coletividade como as mais organizadas da língua, ou são interpretadas como 'erros' que, como tal, não serão

absorvidas pelo sistema, ou, se não, serão incorporadas à *langue* e adotadas por todos, porque já constituíam uma mudança latente na consciência linguística coletiva (cf. Mattoso Câmara 1942, 161)¹⁵.

Defender a autonomia do estudo sincrônico em relação ao diacrônico e admitir explicitamente que a prática científica da análise linguística deveria incluir ambas as perspectivas não implicava, para Mattoso, colocar-se em continuidade com os estudos de Gramática Histórica, constitutivos do programa de investigação da Filologia. Ao contrário, interpretá-la, como o fez, como o estudo de formas obsoletas com viés artístico, colocava toda a Filologia, justa ou injustamente, ao lado das disciplinas normativas, não científicas. Para estudos de natureza diferente, disciplinas diferentes, pois: há um lugar para o estudo diacrônico, que captura a língua em seu percurso histórico, dinâmico, e há um lugar para o estudo sincrônico, que descreve a língua nas suas correlações do momento, percebidas como estáticas. Ambos constitutivos da disciplina Linguística, a ciência da linguagem, propriamente dita. Estava preparado o terreno para a emergência de um programa descrição sincrônica do português, de orientação científica, i.e., não normativa, ao lado do estudo histórico. Tanto é que Mattoso defendeu, em 1949, a tese de doutorado *Para o estudo da fonêmica portuguesa*¹⁶ em Letras Clássicas e, em 1952, a de livre-docência *Contribuição para uma estilística da língua portuguesa*¹⁷, ambas na Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro.

Preparar o terreno, entretanto, não implicava obter adesão imediata da comunidade acadêmica em evidência. Estes, como se viu, viam no estudo histórico da língua a única possibilidade de estudo científico em matéria de linguagem, ou, ao menos, a mais relevante, e rejeitavam a possibilidade de uma descrição sincrônica autônoma. Mattoso Câmara só seria reconhecido como o primeiro linguista a realizar uma descrição sincrônica, consistente, da fonologia e da morfologia do português, *a posteriori*, pela geração seguinte¹⁸. Os anos sessenta e setenta no Brasil assistiriam a uma nova e definitiva disputa entre Filologia e Linguística pelos espaços institucionais disponíveis. Paralelamente, ver-se-ia crescer a primazia da abordagem *sincrônica, descritiva*, sinônima de Linguística, em detrimento da abordagem *diacrônica, histórica*, sinônima de Filologia. Tanto é que no início do anos setenta, o filólogo Segismundo Spina (1921-2012), então coordenador do Curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo, reclamava: “*pretendemos apenas lembrar que não podemos marginalizar a investigação filológica, vítima como está sendo do mais ostensivo e deliberado esquecimento*” (Spina 1972, 492).

4.2. Saussure e seus intérpretes: a geração da Revista Brasileira de Linguística (1970)

O exame dos artigos publicados em um dos primeiros periódicos que se designaram como ‘de Linguística’ do país, a *Revista Brasileira de Linguística* (RBL) ilustra esse ‘esquecimento’. Criada no Rio de Janeiro, com “*o objetivo de preencher uma lacuna existente nas publicações nessa área, assim como abrir uma oportunidade para divulgação de trabalhos inéditos*”, a RBL se desenvolveria como uma espécie de vitrine para que os linguistas brasileiros, das mais variadas tendências e orientações, apresentassem uma amostra do seu trabalho. Aí publicaram aqueles que então despontavam no cenário acadêmico como ‘linguistas’, muitos deles ex-alunos, ou admiradores, de Mattoso Câmara, entre outros, Leonor Scliar Cabral, Mary Kato,

15. As reflexões de Mattoso sobre a tensão entre o individual e o coletivo no exercício do ato linguístico assumirão, ao longo dos seus textos, mais um contorno. Entre a *langue*, produto (érgon) coletivo e sistemático e a *parole*, campo confuso e complexo, à margem da linguística saussuriana, Mattoso propôs a possibilidade de estudo científico de um nível intermediário, o do estilo, enquanto *langue* individual. Assim, enquanto a gramática revelaria o sistema subconsciente que é a *langue*, trazendo à tona os sistemas dos sons, das formas, das significações, das ordenações que regem a representação do mundo, o estudo do estilo daria conta das outras funções que o estudo da *langue* exclui: a manifestação de estados psíquicos e do apelo, nos termos de Bühler (1934) (Mattoso Câmara 1953b, 15-25).

16. A tese foi publicada em forma de livro em 1953 (v. Mattoso Câmara 1953a) e seu ponto principal foi contrastar a perspectiva dos foneticistas tradicionais, “*que viam no estudo dos sons linguísticos uma ciência natural fundamentada na física e na fisiologia*”, com a dos fonólogos “*que vê[em] nos sons da língua elementos da constituição das palavras com uma função gramatical nítida*” (Mattoso Câmara 1953a, 13).

17. Publicada em segunda edição, em 1953. (v. Mattoso Câmara 1953b). Seu objetivo aqui foi defender a possibilidade de uma Estilística estrutural, ao lado de uma Linguística estrutural (v. também nota 14, acima). Nos seus termos: “*A consideração de uma estilística, ou linguística do estilo, ao lado da linguística da língua (se é lícita a aparente tautologia), esclarece não poucas questões intrincadas e controversas em matéria de linguagem. A título de ilustração, detenhamo-nos numa delas: o caráter arbitrário dos símbolos linguísticos, enunciado em termos categóricos por Saussure*” (v. Mattoso Câmara 1953b, 28).

18. Mattoso era, ainda, um homem de transição. O *Dicionário de fatos gramaticais* (Casa de Rui Barbosa, 1956) foi republicado da segunda (J. Ozon Ed., 1964) à sexta edição, por escolha do autor, com o nome de *Dicionário de filologia e gramática*. Somente a partir da sétima edição (Vozes, 1977) é que recebeu o nome de *Dicionário de linguística e gramática*. Somentemente a partir do novo editor, Gomes de Matos (Nota Prévia à 7a. ed., em Mattoso Câmara 1978, 25).

Lúcia Lobato, Margarida Basílio, Anthony Naro, Vera Paredes, Miriam Lemle, Luiz Antonio Marcuschi, Geraldo Mattos, Eleonora Albano, Sebastião Votre, Mário Perini, Paulino Vandresen¹⁹.

Subdividida em três seções —artigos, resenhas e comentários—, mais do que solidificar esta ou aquela linha de investigação, os artigos da RBL, no seu conjunto, exerceram uma função análoga à RBF na geração anterior: apresentar à comunidade acadêmica uma amostra das ‘novas’ maneiras por que estava sendo investigada a linguagem. Tratava-se de demonstrar que era possível incorporar ao estudo das línguas dimensões e materiais até então inexplorados e, sobretudo, que era necessário repensar, de maneira nova e científica, velhos problemas. Nas palavras dos seus editores de 1974, *Monica Rector e Jurgen Heye: “como esta ciência ainda está engatinhando, nosso fito é unir esforços para apresentar uma revista que realmente dê, entre outras coisas, uma visão global do que está sendo realizado em Linguística”* (RBL 1: apresentação, 3).

Tipo	Português	Indígenas	Outras	Número de artigos
Gramatical	14	1	5	20
Uso/variação	17	0	1	18
Histórica	0	0	2	2
(Meta)teórica	6	0	0	6
Pedagógica	4	0	1	5
Literatura	0	0	0	0
Totais	41	1	9	51

Tabla 2: Levantamento do número de artigos da RBF (1974-1984) que apresentaram dados de língua natural, quanto ao tipo de orientação predominante (Altman 2004, 2014).

O dado que mais chama a atenção na RBL, em comparação com os artigos veiculados pela RBF, é a ausência quase total de trabalhos orientados para a história da língua, apenas dois²⁰. No seu conjunto, a predominância quase absoluta é a de uma orientação sincrônica para o estudo do português, quer na descrição gramatical, quer no estudo do uso e da variação.

A questão de uma nova gramática para o português, aliás, se apresentou como problema dominante no quadro da RBL até 1978, pelo menos. Vinte artigos da revista tiveram seu estudo voltado para esta orientação e, dentro dos moldes considerados válidos pelos que refletiram sobre este tema, as tentativas de elaboração desta gramática —ou de parte dela— apresentaram as seguintes características gerais: a) argumentação essencialmente técnica associada à retórica de franca ruptura com a chamada tradição gramatical (ou gramática tradicional), tanto na sua dimensão descritiva, quanto na sua dimensão pedagógica; b) negação enfática da dimensão histórica, quer como perspectiva teórica, quer como argumento descritivo-explicativo; c) grande impacto na recepção das teorias chamadas gerativas, sobretudo no estudo das relações dos componentes da sentença. Mas não só, aí se registram propostas de análise gramatical no quadro dos modelos então chamados Categorical; Polissistêmico; Casual; Construtural; Tagmêmico. Em todos os matizes, entretanto, o que se observa é a proposta de preeminência absoluta de uma metodologia sincrônica, ou, acrônica. Observe-se, por exemplo, a reflexão de Pinto:

19. Publicaram na RBL, entre 1974 e 1984, pesquisadores ligados, naquele momento, às seguintes instituições (o número entre parênteses indica a quantidade de artigos publicados por cada autor, no período): PUC-CAMP: Antônio S. Abreu (2); Quentin Pizzini (1); IBERO e PUC-CAMP: Leonor Sciliar-Cabral (2); UFBA: Sumaia S. Araújo, em co-autoria com Claiz Passos e Maria Emiliana Passos (1); USP: Francis H. Aubert (3); Maria Aparecida Barbosa (4); Cidmar Teodoro Pais (6); Marleine Paula F. de Toledo (1); PUC-RJ: Marilda W. Averbug (1); Vera Cristina Rodrigues (1); Eliana Yunes (1); PUC-SP: Neusa M.O. Bastos (1); Leonor Lopes Fávero (1); Mary A. Kato (1); Ingedore V. Koch (1); Antonio Firmino Paiva (1); John Robert Schmitz (1); Regina Célia Pagliucchi da Silveira (1); UFRJ: Franck R. Brandon (1); José Ariel Castro (1); Lúcia Maria P. Lobato (1); Maria Ângela B. Pereira (1); Emmanoel Santos (1); Aluizio Ramos Trinta (2); PUC-RJ e UFRJ: Margarida Basílio (1); Jurgen Heye (1); Anthony Naro (1); Vera Paredes (1); Milton José Pinto (1); Monica Rector (3); MN e UFRJ: Miriam Lemle (3); Ruth Wallace de G. Paula (1); UFRS: Henrich A.W. Bunse (1); UFRU-RJ: Luiz Ferraz (1); UnB: Giles Istre (1); FURB: Anamaria Kovács (1); UFES: Eudênise Limeira e Vera Ayres, em co-autoria (1); UFPE: Luiz Antonio Marcuschi (1); Piracicaba/UFPR: John Martin (3); PUC-PR: Geraldo Mattos (2); Renascença: Ida Mekler (1); UNESP-Marília: Lélia E. Melo (1); Romildo Antonio Sant'Anna (1); Gama Filho: Eleonora Albano (Motta Maia) (1); Sebastião Josué Votre (1); Maringá: Maria Celi B. Pazini (1); UFMG: Mário Perini (1); UFSC: James Rodgers (1); Paulino Vandresen (1); UNICAMP: Caroline Stael-Gammon (1); Sorocaba: José Duarte Vanucchi (1) (Altman 2004, 188).

20. Castro 1975 (RBL 2: 30-53, sobre glotocronologia) e Ferraz 1976 (RBL 3: 2: 70-76, sobre crioulos portugueses). Obs. ainda dois textos teóricos, sem dados de língua natural, de Trinta 1975 (RBL 2: 9-24), sobre a tradição gramatical hindu e Trinta 1982 (RBL 6.1: 35-43, sobre filologia) (Altman 2004).

A impossibilidade de uma pancronia científica surge daí: o estudo das origens históricas de determinado fenômeno linguístico não pode ser realizado antes do estudo formal do sistema que o atualiza (que Saussure apelidou sincronia). A menos que se desprezem setenta anos de linguística no século XX e se expulse da linguística o conceito de sistematicidade da língua, até agora talvez o único a resistir ao esfacelamento das escolas linguísticas contemporâneas (Pinto 1975, 27).

Nem todos os *scholars* desta geração se engajaram, pois, na reelaboração de uma gramática do português nos mesmos moldes mas, dotar a língua de uma nova gramática —mais coerente, mais simples e mais adequada— não só em termos de aplicabilidade pedagógica mas também em termos descritivos foram as motivações mais imediatas do linguista que publicou na primeira fase da RBL sobre esse assunto (Altman 2004, 195 ss.). Com o que todos indistintamente pareciam concordar, entretanto, é que esse projeto de reelaboração gramatical não podia ser diacrônico, nem histórico.

Quanto ao léxico, embora seu estudo também tenha sido revisto em termos gramaticais, foi para a descrição do seu *uso* em determinados registros —coloquial, literário, científico, pedagógico— que seu estudo foi predominantemente orientado. De maneira geral, os artigos que concentraram sua atenção no estudo do léxico apresentaram as seguintes características: a) deslocamento de critérios dialetais de estabelecimento de *corpora* para critérios predominantemente sócio-culturais: a linguagem dos favelados, o *baby talk*, a linguagem da televisão, o vocabulário da canção popular; b) forte impacto na recepção das proposições da chamada Semântica Analítica; c) tratamento estatístico de dados como principal argumento de rigor e cientificidade (cf. Altman 2004, 198 ss.).

Ainda que fora do escopo temporal do presente artigo, é preciso ao menos assinalar a mudança de rumo que a RBL assumiu depois da sua primeira interrupção, em 1979. Refletindo o interesse de parte da comunidade acadêmica brasileira na realização do projeto saussuriano de criação de uma disciplina que tratasse dos estudos dos signos no seio da vida social, inspirados certamente pela releitura do *Curso* através dos textos de Barthes, Hjelmslev e, sobretudo, Greimas, que começavam a circular no ambiente acadêmico também em português (v. Lemos, Portela e Barros 2012, 52), a RBL se voltou para a recepção das teorias semióticas, ditas continentais, a partir dos anos oitenta. A transferência da responsabilidade da redação da RBL do Rio de Janeiro para São Paulo em 1982 marcou esta mudança na sua política editorial: o ‘avanço’ da Linguística em direção à Semiótica, apenas prenunciado no artigo programático de Pais, em 1974, assumiu rumo próprio a partir de então. Pais dava claramente o tom da ‘nova’ RBL: “no intuito de acentuar seu caráter interdisciplinar e multidisciplinar, mais consentâneo com o avanço dos estudos linguísticos e semióticos” (RBL 6: apresentação, 3). Nos limites da RBL, o programa de investigação da Semiótica assumiu os seguintes contornos: a) argumentação descontinuísta em relação à chamada tradição estruturalista clássica. Tradição esta em que, na visão dos seus propositores, incluía as gramáticas gerativas; b) retórica de vanguarda. Apresentavam-se à comunidade acadêmica como modelos de análise mais avançados, de ‘última geração’; c) ênfase na necessidade de ultrapassar os limites da análise estrutural das sentenças e atingir, por outros caminhos, unidades de análise ‘superiores’ à frase: os textos, os intertextos, os discursos e, mesmo, outros sistemas não verbais de linguagem (Altman 2004, 200-201). E, de fato, nos dois últimos números da revista, o de 1982 e o de 1984, apenas um artigo pode ser incluído no que

considerarei pertinente a um programa de investigação linguística de orientação gramatical²¹. Os demais propunham novas linhas de investigação, de orientação semiótica e, em menor escala, pragmática, para o tratamento dos fatos linguísticos.

Dentre as interpretações que este estudo autoriza, uma, certamente, aponta para a descontinuidade entre a filologia brasileira, a linguística histórica e a linguística descritiva. A mudança de orientação no estudo do português, de diacrônica para sincrônica constituiu, sem dúvida, no Brasil, um importante fator de diversificação teórica e metodológica e, ao mesmo tempo, de elemento de coesão profissional entre um grupo emergente de *scholars* que despontavam no cenário acadêmico brasileiro dos anos 1970 em diante. Diferentemente do que aconteceu na América Latina no mesmo período e em outros países de tradição românica, a reivindicação de autonomia de uma linguística sincrônica concretizou, naquele momento, a ruptura entre as duas práticas. A dialetologia, praticada inicialmente como um aspecto importante da Filologia, mesmo tendo perdido sua motivação diacrônica e se tornado um domínio autônomo de investigação, continuou sendo percebida pelas gerações posteriores como parte integrante da filologia, o que explica o desinteresse da comunidade científica dos anos setenta pelo seu programa. A rejeição da dimensão diacrônica na análise e descrição linguísticas favoreceu o sucesso dos modelos gerativos, acrônicos; dos modelos da Sociolinguística, voltados para o estudo da variação no eixo sincrônico; e, interessantemente, dos modelos semióticos de inspiração saussuriana, neutros sob este ponto de vista.

5. A título de conclusão

De modo geral, quando se observa a recepção das ideias saussurianas no contexto acadêmico brasileiro, percebem-se, pelo menos, dois movimentos bem distintos, relativamente mensuráveis, como os que aqui esboçamos, a partir do tipo de relação proposta (ou percebida) entre abordagens sincrônicas e abordagens diacrônicas no estudo do português.

A primeira referência a Saussure, no início do século XX, passou despercebida pela geração inserida na hegemonia de uma visão gramatical histórico-comparatista. Em que pese a favor dos argumentos sincrônicos o vigor intelectual de Said Ali, essa primeira alusão a Saussure como autoridade na questão sincronia x diacronia não encontrou eco imediato. Voltados para trabalhos de grande erudição sobre o português como língua de cultura, não sobrava muito espaço para os filólogos brasileiros do início do século XX observarem dados da fala do presente, objeto considerado 'menor'. Só nos anos cinquenta é que a dialetologia brasileira, como programa de levantamento metódico de dados das variantes regionais do Português do Brasil, seria incorporada à Filologia e conquistaria um espaço institucional relevante, pelas iniciativas de Silva Neto. Antes disso, o conteúdo programático da Filologia brasileira privilegiava, de um lado, o estudo histórico gramatical do português —principalmente Fonética, Morfologia, Sintaxe e Lexicologia— e, de outro, a elaboração de edições críticas de textos do português medieval, arcaico e de escritores portugueses e brasileiros, sobretudo poetas.

A incorporação de dados da fala brasileira no programa filológico de Silva Neto não alterou a proeminência do estudo histórico sobre o descritivo. O

21. Somente os linguistas interessados em uma orientação semiótica o próprio País, da USP, e Rector, da UFRJ participaram das duas fases da revista. Os outros linguistas da primeira fase não marcaram mais presença na RBL a partir de 1978: dispersaram-se pelas publicações locais dos vários centros acadêmicos, concentraram suas atividades em torno da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) e elegeram, posteriormente, outros periódicos para a difusão e continuação do seu trabalho.

interesse pelo registro das formas de não-prestígio teve duas consequências importantes: forneceu elementos para a reconstrução histórica do português e nuançou a noção de erro²². O ponto central a distinguir entre a leitura saussuriana de Silva Neto e a de Mattoso Câmara, entretanto, é a questão da autonomia entre as duas abordagens. Para Silva Neto e a geração que representou havia, sem dúvida, um lugar para a sincronia, mas acessório, e havia um lugar para o estudo da disciplina Linguística Geral, mas como subsidiária da Filologia Portuguesa. Para Mattoso Câmara e a geração que *a posteriori* o elegeu como exemplar, ambos os estudos deveriam ser autônomos e a Linguística Geral, fosse sincrônica, fosse diacrônica, é que era a 'verdadeira' ciência da linguagem, não a Filologia. Em outros termos, a busca de autonomia da Linguística em relação à tradição entendida como da Filologia na década de sessenta e setenta pode ser interpretada, no Brasil, não só como uma ruptura institucional, mas também como uma ruptura com a orientação histórica no estudo da língua, anteriormente em evidência.

22. Assim *jeolho* seria a forma decorrente do Latim *genuculum*, e não *joelho*; eu vi ele foi popular na língua arcaica (os exemplos são de Maurer 1953, 94).

A publicação do *Curso* em português em 1970 e de toda a literatura estruturalista que o amplificou aconteceu, pois, justamente no momento em que as ciências humanas e sociais problematizavam a dicotomia estático x histórico e sua eventual superação, também no Brasil. A tradução quase simultânea do *Curso* e da vasta literatura que o debatia teve como principal consequência uma recepção ao texto saussuriano já enviesada pelos seus principais intérpretes: seja em uma linha de continuidade, como aqueles que o leram, ou releeram, através de Hjelmslev, Jakobson, Martinet, Pottier, Barthes e Greimas; seja em uma linha de franca ruptura, como aqueles que não o leram mais, e se voltaram para os debates promovidos por Chomsky, Halle, Lakoff e Ross. Esse cruzamento na recepção quase simultânea dos estruturalismos de orientação saussuriana no início dos anos setenta, e das então consideradas 'modernas' teorias gramaticais, estruturalistas ou não, teve como principal consequência para esta geração a não-leitura efetiva do texto saussuriano. De fato, não era mais possível ler só Saussure. Já havia acontecido a leitura dos seus vários intérpretes que levaram as lições do *Curso* para várias direções. Saussure entrou para a historiografia desta geração de pioneiros como o pai fundador que ficou 'lá atrás,' muito antes da moderna ciência da linguagem acontecer no Brasil. Tal e qual um bom produto *vintage*, foi preciso uns bons anos mais para o texto do *Curso* ser relido no Brasil, por ele mesmo.

Bibliografia

- » Altman, Cristina. 1994. “Trinta anos de Linguística Brasileira: Movimentos de afirmação e autoafirmação profissional”. *DELTA* 10: 2. 389-408.
- » ———. 2004. *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. 2a. ed. São Paulo: Humanitas. (Ed. revista e ampliada da tese de doutorado *Unificação e diversificação da linguística: Pesquisa documental de produção linguística brasileira contemporânea (1968-1988)*. São Paulo: FFLCH-USP/ Katholieke Universiteit Leuven, 1993. 1a. ed. Munique: Lincom Europa, 1995; 1a. ed. brasileira, São Paulo: Humanitas, 1998.)
- » ———. 2014. “O pêndulo de Foucault: Sincronia e diacronia no estudo do português no Brasil”. Texto proferido na *XIII International Conference on the History of the Language Sciences*. UTAD, Vila Real, Portugal, 25-29 de agosto de 2014, 1-13. MS.
- » Barthes, Roland. 1964. *Elementos de semiologia*. Trad. de Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.
- » Bechara, Evanildo. 1962. *M. Said Ali e sua contribuição para a filologia brasileira*. Tese de concurso para uma cátedra de Língua e Literatura do Instituto de Educação do Estado da Guanabara. Rio de Janeiro. Data da consulta: 2 de abril de 2016. <http://www.filologia.org.br/textos/bechara1962-a.pdf>
- » ———. 2015. “Primeiros ecos de F. de Saussure na gramaticografia de língua portuguesa”. *Confluência* 48: 9-16.
- » Benveniste, Émile. 1976. *Problemas de linguística geral*. Trad. de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Nacional/ EDUSP.
- » Borba, Francisco da Silva. 1967. *Introdução aos estudos linguísticos*. São Paulo: Nacional.
- » Bouissac, Paul. 2004. “Saussure’s legacy in semiotics”. *The Cambridge companion to Saussure*, editado por Carol Sanders, 240-260. Cambridge: Cambridge University Press.
- » Bueno, Francisco da Silveira. 1953. “Apresentação”. *Jornal de Filologia* 1.1.
- » ———. 1954. “Crítica a Coutinho 1954”. *Jornal de Filologia* 2.3: 291-294.
- » Bühler, Karl. 1934. *Sprachtheorie*. Jena, Stuttgart: Verlag.
- » Chomsky, Noam. 1971. *Linguagem e pensamento*. Trad. de Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes.
- » ———. 1972. *Linguística cartesiana: Um capítulo da história do pensamento racionalista*. Trad. de Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes, São Paulo: EDUSP.
- » Christino, Beatriz. 2001. “Critérios de aceitabilidade gramatical e purismo na década de 1920”. *Estudos Linguísticos XXX*: versão em CD-ROM, artigo 49. Marília: Fundação Eurípedes Soares da Rocha.
- » Coelho, Olga. 1998. “Serafim da Silva Neto (1917-1960) e a Filologia Brasileira: Um ensaio historiográfico sobre o papel da liderança na articulação de um paradigma em ciência da Linguagem”. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo.
- » Coseriu, Eugenio. 1976. “Perspectivas gerais”. *Tendências atuais da linguística e da filologia no Brasil*, organizado por Anthony Naro, 11-44. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- » Coutinho, Ismael de Lima. 1955. “A propósito de minha gramática histórica”. *Revista Brasileira de Filologia* 1.1: 27-51.

- » ——. 1958. *Pontos de gramática histórica*. 4a. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica. (1a. ed. 1938, São Paulo: Nacional; 2a., 1941; 3a., 1954, Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica; 5a., 1962; 6a., 1967; 7a., 1976, Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.)
- » Danna, Stela Maris D. Gabriel. 2014. “Metalinguagem e ‘escolha de retórica’ em Bello (1853[1847]) e Said Ali (1919[1908]): faces dos estudos gramaticais na América do Sul”. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo. Data de consulta, 8 de janeiro de 2016. <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-o8102014-171902>
- » De Lemos, Cláudia, Maria Francisca Lier-De Vitto, Lourdes Andrade e Eliane Mara Silveira. 2003. “Le saussurisme en Amérique Latine au XXe. Siècle”. *Cahiers Ferdinand de Saussure* 56: 165-176.
- » Elia, Silvio. 1976. *Ensaio de filologia e linguística*. 3a. ed. Rio de Janeiro: Grifo.
- » França, Angela Maria Ribeiro. 1998. “*Texto e contexto nos escritos linguísticos de Mattoso Câmara: 1938-1954*”. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo.
- » Greimas, Algirdas Julien. 1973. *Semântica estrutural*. Trad. de Haquira Osakabe e Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix/EDUSP.
- » ——. 2006 [1956]. “L’actualité du saussurisme”. *Texto! Textes et Cultures* 11.2. Data de consulta, 12 de março de 2016. http://www.revue-texto.net/Saussure/Sur_Saussure/Greimas_Actualite.html
- » Hjelmslev, Louis. 1975. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Trad. de J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva.
- » Jakobson, Roman. 1969. *Linguística e comunicação*. Trad. de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix.
- » ——. 1972. *Fonema e Fonologia. Ensaio*. Seleção tradução e notas, com um estudo sobre o Autor por J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- » Lemos, Carolina Lindenberg, Jean Cristtus Portela e Mariana Luz Pessoa de Barros. 2012. “Le soin de la formation: L’institutionnalisation de la sémiotique au Brésil.” *Signata 3: L’institution de la sémiotique: Recherche, enseignement, professions*. Liège: Presses Universitaires de Liège.
- » Lopes, Edward. 1976. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix.
- » Lyons, John. 1979. *Introdução à linguística teórica*. Trad. de Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Nacional/EDUSP.
- » Mattoso Câmara Jr., Joaquim. 1942. *Princípios de linguística geral como fundamento para os estudos superiores da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Briguiet. (Reimpr. da 1a. ed. de 1941.)
- » ——. 1953a. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Organização Simões.
- » ——. 1953b. *Contribuição à estilística portuguesa*. 2a. ed ampliada. Rio de Janeiro: Organização Simões.
- » ——. 1955. “A Conferência de Indiana entre antropólogos e linguistas”. *Revista Brasileira de Filologia* 1.2: 187-195.
- » ——. 1967. *Princípios de linguística geral como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. 4a. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959. (1a. ed 1941, reimpr. 1942; 2a., 1954; 3a., 1959.)
- » ——. 1969. *Problemas de linguística descritiva*. Rio de Janeiro: Vozes.
- » ——. 1970. *Estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes.
- » ——. 1975 [1962]. *História da linguística*. Trad. de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo dos manuscritos originais em inglês, de 1962. Rio de Janeiro: Vozes.

- » ———. 1978. *Dicionário de linguística e gramática: Referente à língua portuguesa*. 8a. ed. Petrópolis: Vozes.
- » ———. 2004 [1961]. “Said Ali e a língua portuguesa”. Em *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.*, organizado por Carlos Eduardo Falcão Uchôa. Rio de Janeiro: Lucerna.
- » Maurer, Theodoro Henrique. 1953. “A linguística e a gramática”. *Jornal de Filologia* 1.2: 89-108.
- » ———. 1967. “Linguística histórica”. Transcrição da conferência proferida no I Seminário de Linguística, promovido pela FFCL de Marília, em 1966, sem revisão do autor. *ALFA* 11: 19-42.
- » Murray, Stephen O. 1993. *Theory groups and the study of language in North America: A social history*. Amsterdam: John Benjamins. (1a. ed., USA: Linguistic Research, Inc. Carbondale; Canada: Edmonton University Press, 1983.)
- » Naro, Anthony J. e John Reighard. 1976. “Bibliografia analítica de Joaquim Mattoso Câmara”. Em *Tendências atuais da linguística e da filologia no Brasil*, organizado por Anthony Naro, 115-147. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- » Pinto, Milton José. 1975. “Proposições para um debate sobre diacronia e sincronia.” *Revista Brasileira de Linguística* 2.1: 25-29.
- » Pinto, Edith Pimentel. 1978. “Introdução”. Em *O português do Brasil: Textos críticos e teóricos; 1: 1820/1920, Fontes para a teoria e a história*, organizado por Edith Pimentel Pinto, XV-LVIII. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, São Paulo: Edusp.
- » ———. 1981. “Introdução”. Em *O português do Brasil: Textos críticos e teóricos; 2: 1920/1945, Fontes para a teoria e a história*, organizado por Edith Pimentel Pinto, XIII-LI. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp.
- » Portela, Jean Cristtus. 2013. “A divulgação do pensamento saussuriano no Brasil”. *Estudos Semióticos* 9.2: 15-21. Data de consulta, 13 de janeiro de 2016.
- » Said Ali, Manuel. 1919. *Difficultades da lingua portuguesa: Estudos e observações por M. Said Ali*. 2a. ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Besnard Frères.
- » ———. 1931. *Grammatica historica da lingua portugueza por M.Said Ali*. 2a. ed. melhorada e augmentada de lexeologia e formação de palavras e syntaxe do portuguez historico. São Paulo, Rio de Janeiro: Melhoramentos.
- » Salum, Nicolau. 1969. “Prefácio à edição brasileira”. Em *Curso de linguística geral*, de Ferdinand de Saussure, xiii- xxiii. São Paulo: Cultrix.
- » Sapir, Edward 1954 [1938]. *A Linguagem: Introdução ao estudo da fala*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro. (2a. ed. São Paulo: Perspectiva, 1980.)
- » Saussure, Ferdinand de. 1970. *Curso de linguística geral*. Trad. de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.
- » Scliar-Cabral, Leonor. 1973. *Introdução à linguística*. Porto Alegre: Globo.
- » Silva Neto, Serafim da. 1952. *Manual de filologia portuguesa: História, problemas, métodos*. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- » ———. 1955a. “À guisa de prólogo”. *Revista Brasileira de Filologia* 1.1: I-V. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- » ———. 1955b. “In Memoriam Manuel Said Ali”. *Revista Brasileira de Filologia* 1.1: 109-112. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- » ———. 1960. “Ferdinand de Saussure e o seu tempo”. Em *Língua, cultura e civilização: Estudos de filologia portuguesa*, 19-38. Rio de Janeiro: Acadêmica.

- » Spina, Segismundo. 1972. “Língua portuguesa e pós-graduação”. Proferido no I Seminário de Pós-Graduação, promovido pela FFCL de Marília, em 1971. *ALFA* 18/19: 489-495.
- » Swiggers, Pierre. 1989. “Philologie (romane) et linguistique”. Em *Actes du XVIII Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes, Université de Trèves 1986*, 231-242. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- » ——. 2012. “La dimension sociale de la langue et de la linguistique chez Saussure: fondements et apories d’un programme de linguistique générale”. Em *Per Roberto Gusmani, Linguística storica e teorica: Studi in ricordo*, a cura di Vincenzo Orioles, vol. 2, 385-397. Udine: Forum.